

# Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONARCHEICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Redactor, Thomaz Rocha dos Santos

Redacção: Rua 31 de Janeiro

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa

DOS  
Echos de GuimarãesOfficinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## Portugal na Guerra

«O telegrapho trouxe-nos hon-tem o seguinte:

LONDRES, 17.—Comunicação official:—Durante o corrente mez as tropas portuguezas tem repellido varios raids allemães. Esta noite fizemos um raid ao norte de Gauzeaucourt e trouxemos prisioneiros. Ao sul do canal de Ypres e Comines, um destacamento inimigo, que queria executar um raid, foi colhido pelo fogo de enfiada da nossa artilharia, não conseguindo attingir as nossas trincheiras.—H.

Vão direitas as nossas saudações aos soldados que estão mantendo em França, na maior lucta que a humanidade tem visto, a honra e o brio nacional. Perante o perigo que ameaçou os povos da mesma civilização christã, elles são hoje a verdadeira representação nacional; a nossa alma sangra na saudade dos que cahem, mas estremece orgulhosa perante a citação do nome portuguez no meio do formidavel conflicto cujo objectivo proximo é a libertação do solo da França, a mais velha das nações da civilização latina, por isso que é a *Filha mais velha da Igreja!*

Mas não cortam a intelligencia a serena analyse politica, os sentimentos que a actual entrada em fogo dos soldados portuguezes desperta em nós. Pelo contrario: á memoria logo nos acode—«a manutenção firme da antiga alliança com a Gran Bretanha, que data do seculo XIV, agora confirmada pela participação activa de Portugal na guerra».—Tal é a adaptação ao caso das precisas palavras com que a embaixada britannica em Madrid definiu, ha pouco, a politica do seu paiz em relação á Hespanha e a Portugal.

Alliados seculares e os mais antigos da Gran-Bretanha, era-nos naturalmente vedada a *neutralidade*. Isso devemos á nossa historia e aos nossos Reis; aos nossos homens d'Estado, a todos quantos fizeram de Portugal o que elle representa no equilibrio mundial. Ha pouco ainda alguém recordava perante nós a phrase de um dos antigos ministros dos Estrangeiros da monarchia, que ao sahir da primeira gerencia d'essa tão importante pasta dizia não haver no mundo acontecimento algum que se não repercutisse ainda nos interesses coloniaes portuguezes. Num conflicto, envolvendo a hegemonia mundial, a neutralidade era impossivel a quem um passado glorioso deixou interesses a defender em todos os mares do globo.

A rebellião boer, com Lourenço Marques prometido á Republica Sul africana vencedora, as pretensões, sem disfarce, sobre Angola, apontada já como maravilhosamente adoptada á colonização allemã por uma especie de Conselheiro d'Espionagem, que mantinhamos, creio que consul em Brunswick, revelam de mais os planos allemães a nosso respeito.

Como da alliança britannica por um lado e dos nossos interesses nacionaes por outro, sahii a forma actual da nossa cooperação na guerra, nunca nol-o disse o governo. Fallou-se, é certo, na assignatura d'uma «convenção entre Portugal e a Gran-Bretanha para os efectos da intervenção

militar portugueza na conflagração européa», mas ainda até hoje não ha correspondencia alguma publicada a tal respeito. Apenas, na sessão de 7 de agosto do anno findo, o ministro dos Estrangeiros leu ao Congresso um documento onde se via o seguinte:

«O governo de Sua Magestade plenamente reconhece a lealdade de Portugal e a assistencia que já lhe está dando e cordialmente o convida a uma maior cooperação militar, ao lado dos alliados na Europa, em tanto quanto elle se julgue capaz de a prestar.»

A restricção, assim posta pelo proprio governo britannico, recommendava naturalmente ao governo da republica o estudo attento das condições economicas em que essa cooperação militar na Europa collocaria o paiz. Entretanto tinham sido alugados a uma firma ingleza, que o governo na sua exposição de 17 de janeiro ultimo, chama uma comissão representante do governo inglez, *todos os navios que nos não fossem precisos para as nossas urgentes necessidades*. Com que sabia previsão essas *urgentes necessidades* foram calculadas, a vida diaria do paiz o está bem alto dizendo. Como por outro lado o governo mobilisa os braços que costumavam acudir ás *urgentes necessidades* da agricultura nacional, e contracta ainda por cima operarios para o estrangeiro, o custo dos salarios sobe vertiginosamente, trazendo outro perigoso elemento de desequilibrio ao já melindroso estado da economia nacional.

Mas não pára aqui a incuria governamental. Accrescenta o proposito d'estancar as fontes de receita nos projectos contra a propriedade no genero d'aquella monstruosidade, cuja approvação reclamam os grupos de Defeza Republicana Sul e Progresso.

Os males já de si inevitaveis da guerra são assim accrescidos das crises provocadas pela mais phantastica incompetencia governativa. E isto torna *sui-generis* a nossa situação entre as 21 nações belligerantes: somos a unica em que o governo agrava por todas as formas e feitos as difficuldades causadas pela belligerancia. O proposito de não exacerbar paixões politicas; o cuidado attento no fomento agricola; o estudo dos meios tendentes ao accrescimento da riqueza publica, mesmo como base onde ir buscar allivio ao accrescimento de despezas que a guerra acarreta; a lealdade para com o paiz nas noticias da guerra; a clareza na discussão das despezas publicas; o estudo profundo, com a consulta dos technicos e peritos de tudo quanto respeita á actividade nacional, eis o que vemos, em *contra-partido* realzado entre nós.

Ora fallando do que nos levou á guerra dizia o governo na sua exposição já citada:

«Não somos levados, nem pela ancia de conquistas, nem pela sede de recompensas. O superior interesse que nos guia, além da affirmação espiritual que nos orgulha, é o de tornarmos ainda mais solida a nossa alliança com a nobre nação ingleza que nos tem acompa-

nhado sempre pela historia fóra, cimentada com os nossos sacrificios, valorisada e engrandecel-a, engrandecendo-nos e valorisando-nos a nós proprios.»

Sublinhamos, por nos parecer opportuna, a affirmação espiritual que nos orgulha.

Mas desde que se trata de valorisar a alliança, podemos lembrar ao governo, nós que de forma alguma podemos ser suspeitos de adversos á alliança, que o aggravamento de todos os males da guerra, da sua exclusiva responsabilidade, em nada contribuem para a *valorisar*, nem ainda para nos *valorisar a nós*.

Parece a muita gente que essa alliança só não basta. Ha pouco um jornal da provincia publicava a seguinte curiosa correspondencia:

«LISBOA, 7.—O snr. Norton de Matos deve regressar a Lisboa em fins do mez corrente. Constatou-me hontem que, estando ainda no dia 1 em Inglaterra, se encontrava no dia 4 junto das tropas portuguezas. O nosso ministro da Guerra deve concluir agora em França a convenção militar entre os governos das duas Republicas, facto que pôde talvez regosijar aquelles a quem desgosta ouvir dizer que vivemos numa absoluta dependencia dos nossos seculares alliados. A convenção franco-lusa prova que isso não é bem assim. A França pediu-nos a nossa cooperação e esse pedido, a que aquiescemos, não foi contrariado pela Inglaterra. Na fiscalização da costa portugueza, em que ha três bases maritimas, uma ao norte, outra ao centro e a terceira ao sul, já collaboram francezes, que vão colaborar tambem, como informei, na vigilância aerea, que terá as mesmas bases.»

Teremos assim mais cooperação e agora com a França?

Quando a todas as nações preocupa deveras a prolongação d'ella, causada pela *libertação* da Russia, que, na phrase do coronel Repington, *ia determinando a escravidão da Europa*, quando economistas financeiros á porfia com proprietarios e industriaes, procuram *crear riqueza*, nós vamos arranjar outro convite a mais cooperação militar? Julga o governo illimitado o *manpower* portuguez com a mesma clarividencia com que julgava o resultado da guerra, quasi que já sufficientemente alcançado com a *revolução russa*?

Tal é o momento em que as outras nações escolhem para definir e proclamar as suas reivindicações. Se o governo francez já proclamou indispensavel a restituição da Alsacia Lorena, a opinião publica vae muito mais longe e aponta para a margem esquerda do Rheno. Se o governo italiano proclamou a conquista do terreno *irridento*, objectivo essencial da guerra, já ha quem indique a Dalmacia e Ragusa, o Dodecaneso, a Asia Menor com Smyrna, fóra Djibuti, Kisimago, e o resto. Os governos alliados já, juntos, proclamaram as indemnizações devidas á Belgica, á Servia; a Romenia tem o seu *irridentismo* tambem na Transilvania. E nós? Ficamo-nos com a *affirmação espiritual*? Porque a *alliança* não é este governo que a *valorisa*.

AYRES D'ORNELLAS.

Do nosso illustre Collega *Diario Nacional* transcrevemos este notavel artigo do seu eminente Director, e a que damos o nosso incondicional applauso.

NAS mil e uma noites tão lendarias, Ouvindo os contos lindos de Princeza —Antigas tradições imaginarias— Não foi minh'alma á Arte nem á B'leza

Como naquella festa em que vos vi Senhora da mais alta fidalguia; Perdão! Se a luz divina estava alli Não era maravilha o que se via...

A graça inteira e clara é sempre vossa, O espirito gentil, bom coração, Sabeis vencer, o mal em vós adoça, Desapparece, morre, é uma illusão.

O terno encantamento o que gerou?! Estrella que sois luz dos universos, Tontinho, ajoelhei e agora sou O fiandeiro humilde d'estes versos.

### Conselheiro Ayres d'Ornellas

Depois de ter estado uns dias no Porto regresso á capital o nosso illustre chefe politico snr. Conselheiro Ayres d'Ornellas.

O eminente homem publico, que tivemos occasião de cumprimentar, recebeu no Porto as melhores manifestações de apreço, devidas não só ao alto cargo que occupa na politica portugueza como ainda á sua individualidade de verdadeiro destaque.

Apraz-nos immenso cumprimentar o illustre representante de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, a quem nesta hora prestamos a nossa melhor e mais leal homenagem de respeito.

### A "O DIA,"

No seu n.º 1278 de 20 do corrente, fazia este nosso presado e muito illustre collega algumas considerações sobre a crise do papel e as calamidades que ella acarretará ás innumeraveis familias que vivem do jornal e que ficarão na miseria, se as imprensas jornalisticas se virem forçadas a suspender a sua publicação por falta de papel, e termina por estas desalentadas palavras:

«Quanto a nós, a Causa monarchica pouco ou nada perderá. Será uma sentinella a menos, um obscuro soldado que extenuado, mas não desertor, cabe no proprio campo da lucta. O publico esquecer-nos-ha depressa. E se alguns se penalizarem serão aquelles que mais de perto nos sentiram e puderam comprehender-nos e de cujo espirito possamos ter sido companheiros, quebrando-lhes, nesta sombria quadra, aquelle gelado isolamento em que tantas vezes se submergem os que tão preciso é chamar da duvida á certeza e da morte apparente á vida real em que devem ingressar e triumphar...»

Mas esta hora, embora melancolica, não é já para nós a d'uma despedida. Virá proxima: não chegou ainda. Morremos, mas devagar! E até lá, leitor amigo, iremos conversando contigo... E quando já não conversarmos se relêres o que ficou escripto em tantas envelhecidas paginas d'*O Dia*, verás que... ainda na ausencia, eterna que seja, nos encontraremos nas recordações.

E' lamentavel que a uma tal extremidade tenha de chegar o mais brilhante paladino da Monarchia, o seu mais constante e firme defensor. Não, não pode ser, nem deve ser.

Em França, por motivo identico, um grande jornal monarchico viu-se em eguaes difficuldades ás que agora assoberbam o *Dia*, mas não succumbiu nem sequer desanimou, antes, fortalecido pelo desejo deliberado de viver, apellou para os sentimentos politicos e patrioticos dos seus leitores e, por subscrição gratuita (ou onerosa, não temos agora bem presente) entre elles, arranjou fundos que lhe permitiram continuar a sua publicação, não privando os seus leitores do conforto moral da sua leitura nem os seus trabalhadores do conforto material que o seu labor diario lhes trazia.

Porque não ha de o *Dia* fazer a mesma coisa? Porque não ha de tentar a emissão de obrigações pagaveis depois da guerra? O *Dia* é já hoje uma necessidade; quem está feito a lê-lo, não dispensa mais a sua leitura, e se ella até agora era interessante e instructiva, muito mais o será depois da guerra, quando a infame censura deixar de exercer a sua acção nefasta.

Portanto, augmentará o numero dos seus leitores, e o que até agora tem sido apenas um alto valor moral, passará a ser tambem um consideravel valor material.

O capitalista pois, com as visceras todas subordinadas ao aparelho digestivo, não duvidará confiar o seu dinheiro a uma empresa de seguros resultados.

Pela nossa parte, isto é, pela parte dos monarchicos de coração, a maior garantia para os fundos com que possam e devam concorrer está na altivez, no desassombro, na dignidade, dos processos de *O Dia*, e na nobre isempção do seu illustre Director.

A quem aproveitam as difficuldades creadas á imprensa diaria pela carestia do papel e pela lei da censura? Evidentemente que ás instituições e particularmente aos governantes; portanto, é dever de todo o adversario d'ellas, concorrer com o seu esforço, por pequeno que seja, para que se não cale a voz da verdade que *O Dia* tão alto proclama.

Supponnos pois que ninguém negará o seu concurso e cremos que ao *Dia* valerá bem a pena correr o risco de uma tentativa, que tanto pode ser a demonstração material, terminante, da carencia de brio e patriotismo como uma apothose deslumbrante á obra maravilhosa do grande jornalista que é Moreira d'Almeida.

Desculpe-nos o illustre collega, se este alvitre que apresentamos o melindra no seu brio, mas seria para nós tão doloroso vermos privados de convívio tão agradável e tão util, que o julgamos na obrigação indeclinavel de viver, a despeito de tudo.

E' pois indispensavel que nos encontremos não nas recordações do passado, como o presado collega presagia, mas realmente, positivamente, aqui neste campo de batalha, na Batterie des Hommes sans peur.

Aos outros, aos que assistem á batalha, corre o dever moral de fornecerem as munições.

Não é muito nem é pouco; é apenas o que deve ser.

## Lei das rolhas

### Instruções sobre a censura á imprensa

Lisboa, 18.—O sr. ministro do interior mandou expedir uma circular aos governadores civis, a fim de recomendar ás commissões de censura á imprensa que observem as seguintes instruções: «Os censores não permitirão a publicidade de tudo o que importe:

1.º—A divulgação de qualquer boato ou informação que possam alargar o espirito publico ou causar prejuizo ao Estado, tanto no que respeita á sua segurança interna e externa como aos seus interesses em relação ás nações estrangeiras, ou ainda aos trabalhos em preparação ou execução de defeza militar;

2.º—A publicação de qualquer desenho ou artigo que contenha ultrage ás instituições republicanas, injuria, diffamação ou ameaça contra o presidente da Republica no exercicio das funções ou fóra d'elle;

3.º—Injuria ou diffamação aos membros do poder legislativo ou executivo;

4.º—Publicação de offensa contra a pessoa de qualquer diplomatico estrangeiro ou sua familia, ou contra o soberano ou chefe de nação estrangeira;

5.º—Qualquer publicação que importe ultrage á moral publica;

6.º—A de artigos redigidos em linguagem despejada e provocadora contra a segurança do Estado, ordem ou tranquillidade publica;

7.º—A de artigos escriptos ou desenhos que aconselhem, instiguem ou provoquem os cidadãos portuguezes ao não cumprimento dos seus deveres militares ou commetimento de actos attentatorios da integridade e independencia da patria;

8.º—A de artigos escriptos ou desenhos que provoquem qualquer crime determinado;

9.º—A de artigos escriptos ou desenhos favoraveis aos inimigos de Portugal, hostis aos aliados d'este ou por qualquer fórma possam estorvar ou prejudicar a acção de Portugal na guerra contra os allemães;

10.º—E excluida sempre a publicação de noticias manifesta e seguramente falsas;

11.º—E sem embargo do que fica exposto, a licita publicação de quaesquer noticias de caracter diplomatico, que possam ter ligação com a nossa intervenção na guerra, desde que sejam dadas pelo gabinete do ministerio dos estrangeiros;

12.º—Noticias referentes á nossa preparação militar e de intervenção na guerra, se tiverem sido dadas pelo gabinete do ministerio da guerra;

13.º—Noticias referentes á nossa preparação naval, defeza dos nossos portos, movimento dos navios de guerra ou mercantes, nacionaes e estrangeiros;

14.º—E existencia ou operações de submarinos nas aguas portuguezas, se tiverem sido dadas pelo gabinete do ministerio da marinha;

15.º—Noticias referentes ás operações de guerra terrestre ou maritima nas colonias, se tiverem sido dadas pelo gabinete do respectivo ministerio.

16.º—Será sempre permitida a publicação de communicações officiaes ou officiosas de qualquer ministerio;

17.º—Conferencias ou entrevistas com ministros;

18.º—Relatos de sessões parlamentares e de sessões publicas ou decisões publicadas pelos tribunaes;

19.º—Applicando-se todavia aos commentarios, de que estas publicações sejam acompanhadas, o que acima se determinou.

A proveniencia official das noticias ou informações acima referidas, ou o asserimento das competentes estações officiaes á respectiva publicação, serão quando necessario, documentadas perante a commissão de censura ao ser apresentado o impresso escripto ou o desenho que as contem.

20.º—Será igualmente permitida a publicação de apreciações ou outras referencias á censura, desde que não se-

jam injurias e diffamatorias nem estejam claramente comprehendidas nenhuma das prohibições acima expressas.

21.º—As presentes instruções revogam todas as anteriores, salvo o que fez objecto da circular confidencial de 28 de maio ultimo e só poderão ser interpretadas e esclarecidas na sua applicação por ordens ou indicações dimanadas de qualquer dos membros do governo.»

Ora seja Deus louvado que já sabemos em que lei havemos de viver. A Imprensa livre num paiz livre tem, segundo estas novissimas instruções, a liberdade de escrever... o que ás instituições e aos seus governos parecer conveniente. Poderá, pois, segundo ellas, escrever-se tudo quanto se quizer... contanto que se não escreva coisa nenhuma.

A nossa fraca mentalidade não attinge a possibilidade de um jornalista, na hora que passa, escrever coisa que por isto ou por aquilo, não venha a contender com o sr. presidente da républica, com os snrs. ministros, com os snrs. senadores, com os snrs. deputados; e como por estas novissimas instruções todos os snrs. ficam intangíveis e inatacáveis, o melhor que os jornalistas tem que fazer é versos, se não preferirem fazer colheres.

Na esperança de que o sr. Pina (o sr. Pina, segundo a instrução 20, não corta esta referencia á sua amavel e conspícua pessoa) ainda não tenha estudado a maneira de sofismar estas claras e liberaes determinações, vamos fazer alguns commentarios ao mirífico decreto.

Ora pois: os censores não permitirão a publicidade de tudo quanto importe aos varios numeros em que dividimos o arazoado, para melhor comprehensão do leitor.

Ora visto não permitirem tudo quanto importe ao n.º 1, por exemplo, nada os impede de permitirem que se publique parte.

Assim, na primeira acção em que entraram as nossas tropas em França, morreram 33 soldados e officiaes, e ficaram feridos cento e tantos homens.

Ora como ao governo não convem que se saibam os numeros exactos das nossas baixas, para não alarmar o espirito publico (que no entanto está absolutamente integrado na nossa participação na guerra) com todo o entusiasmo que tal facto comporta, o censor não nos permitirá dizer que morreram na 1.ª escaramuça 33 homens, isto é, tudo o que lá ficou de papo para o ar, mas tem obrigação de nos deixar dizer alguma coisa. Poderemos talvez, dizer 10 %.

Assim, não diremos que morreram realmente 33 homens, mas 3,3: três homens e três decimos de homem.

Creemos que o sr. Pina, deixando passar esta pequena percentagem, não se arrisca a perder o honroso e lucrativo logar de censor, e o espirito publico, muito longe de ficar alarmado, fica até entusiasmado.

2.º Pela clausula 2.ª ainda o sr. conselheiro Bernardino se arrisca a perder a popularidade. (Ver a n.º 2).

3.º Pela clausula 3 temos de arranjar elementos que nos permitam o ingresso de Rilhafolles; então é muito provavel que desatemos a dar vivas de cada vez que a elles tivermos de nos referir ao sr. Costa, ao sr. Braga, ao sr. Antonio Maria, ao sr. Camacho, ao sr. Antonio Zé, ao sr. Leote do Rego.

A parte d'este n.º que se refere aos membros do poder legislativo, é que é uma perfeita excrecencia; apezar d'isso, e nas mesmas condições havemos de nos esganiçar muito especialmente nos vivas a S. Ex.ª, aos seus respectivos e conspícuos presidentes.

Pois quem tem um parlamento como nós, para onde em caso de afflicção recorremos com toda a

confiança e segureza de... não sermos attendidos; um parlamento onde tem assento, os, depois do sr. conselheiro Bernardino, mais conspícuos lusitanos, poderá de alguma forma inspirar a algum a ruim tentação de o deprimir, ou amesquinhar?

Um parlamento, como nenhum outro, bom é barato (e tão barato que é a unica coisa que, além do vinho, tem mantido a través da crise os preços anteriores) pôde já inspirar outros sentimentos a algum, que não seja do mais profundo respeito, acatamento e veneração?

Um parlamento em que tanto fallam os seus membros como os mirones, batendo assim o record da liberdade e da disciplina, é lá parlamento digno de censura?

Um parlamento que tem por presidente em uma das suas secções um authentico representante das velhas virtudes portuguezas de amor á Patria e fidelidade ao Rei, e na outra um homem de requintada educação, que recebe uma representação de uma entidade respeitavel pela qualidade e numero dos seus membros, e d'ella não dá conhecimento á camara, nem satisfação aos reclamantes, é um parlamento que ha de passar á historia como a mais authentica manifestação do espirito democratico, e portanto como o maior credor de applausos e louvores.

Quem poderá pois pensar em diffamalo se elle tão claramente se mostra... á altura da gravidade das circunstancias?

Por hoje ficamos por aqui, mas continuaremos, pois temos para peras.

## Officiaes milicianos

Sempre tivemos a maxima consideração para com a respeitavel classe militar. Habitamo-nos, desde creança, a olhar com respeito as suas telintantes espadas e douradas charlateiras e era sempre com admiravel commoção que nós os viamos, nas festas de gala ou nos Te-Deums sollemnes, caminhar com todo o aprumo de quem está habituado a fazer-se respeitar, e a bater o tacão mesmo na casa alheia. A sua voz, quando sai pela bocca das espingardas, ainda hoje é das mais eloquentes e que mais depressa convence. E' por tudo isso que nos habituamos a ouvir as suas ordens sem replica, mas hoje queremos aventurar-nos a discordar da opinião de alguns num ponto que não se conforma com o nosso humilde modo de vêr as coisas.

Ouvimos dizer, e a questão já foi ventilada no parlamento, que os milicianos tem sido victimas de especiaes desconsiderações na escola de guerra e que são tidos, pelos militares de linha, como inferiores, pois não querem vêr nelles mais que uns paisanos fardados servindo somente para ornamentação.

Custa-nos os olhos da cara esta lamentavel injustiça. Admittimos que elles não tenham aquella educação militar que somente se obtem com estudos cuidados e uma prolongada aprendizagem nos quartéis, mas porventura são elles culpados em terem sido illepidos de repente para as fileiras e collocados a mandar soldados sem nunca terem pretendido nem sonhado tal coisa?

E' porisso que nos julgamos no direito de ter uma especial sympathia pelos milicianos, que deixaram a sua casa, a sua familia, os seus filhinhos, a sua esposa, os seus logares, comprometteram o seu futuro, para vir tomar sobre as costas uma responsabilidade e um trabalho tamanho e de tanta importancia como o dos officiaes de linha, sem nunca go-

sarem dos beneficios d'estes nem dos direitos que lhes concede a vida de militares, sem garantias para o futuro e com grave risco do presente.

E não será uma grave injustiça entregar nas mãos d'um sargento, que apenas terá o exame de instrução primaria, a instrução d'um miliciano, em geral um homem com um curso superior e que muitas vezes já agora de um logar de destaque na sociedade?

E' sem duvida deprimente. Algumas providencias foram já tomadas no sentido de obstar a estas anomalias, mas, apesar d'isso, nós queremos publicamente mostrar a acção d'esses humildes soldados da patria e tirar as teias de aranha áquelles que, quando fallam em miliciano, parece fazel-o dando ao termo um significado de qualquer coisa de inutil e ridiculo. Pois não é assim. O miliciano é um martyr do dever, um verdadeiro servidor da patria a quem vai prestar assignalados serviços sem que aspire a mais alguma recompensa que não seja a de defender nas regiões quentes da Africa ou no solo frio das trincheiras da França o nome da sua patria, por quem sacrifica a vida, as commodidades, os affectos da familia. Respeito pois pelo nome sympathico de miliciano.

PEDRO C.

## Flores para bemfazer

Em três palavras diz-se tudo. As flores que engrinaldaram e encheram de enebriante perfume a sala nobre do Atheneu Commercial eram destinadas a bemfazer.

Havia nellas, portanto, a belleza natural das suas deslumbrantes petalas e a belleza divina do fim para que ali estavam a sorrir-nos e a encantar-nos o olhar.

Nellas todas havia um fundo sobrenatural, porque todas ellas rescendiam caridade, o amor gerado na Suprema Belleza e plantado nas almas pelo jardineiro divino.

A todas doirava o sol meigo e enternecedor d'um carinho; em todas as suas petalas se via o rocio matinal d'uma acção altruista.

Flôres d'alma, todas; flôres sem par; flôres que dariam pão para mitigar a fome, para alliviar os tristes, para derramar luz acalentadora em tantas almas; flôres que mãos delicadas, alvas d'arminho, offerciam e em cujas petalas se espalhava um olhar acariciador e bom, olhar d'alma agradecida e enternecida, reflexo bendito da celestial candura.

Já o immortal cantor do «D. Jayme» dizia:

Flôres d'alma que se alteiam bellas,  
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,  
Tem mais aroma e são mais formosas  
Que as pobres rosas no jardim captivas.

As flôres que adornavam e embelezavam o vasto salão do Atheneu Commercial eram lindas, muito lindas: tinham em cada petala uma estancia d'um poema de belleza; mas as outras, as que se davam em troca, eram synthese sublime da Divina Graça, traduziam o cantar das almas crentes, generosas e boas, a epopêa magestosa do Amor.

As flôres ficaram no salão ainda, por algumas horas talvez; mas as outras, as da alma, já transpuzeram os humbraes de mansardas humildes e foram encher de alegria santa as paredes denegridas onde vão perder-se tantos ais, tantos lamentos de corações angustiados, e onde se abafam tantas lagrimas de dôr.

Nobres são todos os sentimentos da alma humana, ou elles não fossem reflexo da luz divina que é a propria essencia do espirito; mas a caridade, o amor do proximo, aquelle divino amor que

nos leva ás mais rasgadas acções de altruismo, chorando com os desgraçados por entre sorrisos de carinhoso affecto, é de todos o mais vivo e o mais querido, o que mais bellas faz as almas, o que enche o coração de ternura e de bondade.

Se algum houvesse dito dentro d'aquelle salão que por dias fora templo, e em frente d'aquelles massicos de flôres que ali dentro eram altares onde a caridade refulgia,—«eu venho ver a exposição, mas não venho comprar flôres», esse algum necessariamente esquecia-se de que dentro d'aquelle recinto tão bello todos os sentimentos cabiam, mas todos os sentimentos ali se deveriam apagar.

VICENTE BRAGA.

## O beijo cruelissimo da despedida...

(Conclusão)

Annos volvidos, ahi por meados d'Outubro, Fernando era chamado a ingressar no teu esquadraão, afim de, em terras de França, defender o patrimonio sacratissimo da Terra-Mãe.

Passava-se isto em meados do Outomno do anno que vae correndo...

Outomno... Primeiras chuvas... Ceus plumbeos,..... que tanto nos torturam! Entardeceres tristissimos, romperes d'alva pallidos, merencorios, cadavericos... Lufadas de vento picanter, friissimas, cortantes como pontas agudas de lança, comecam de fazer-nos vibrar os nervos estes malditos um tanto mais intensamente! As folhas que vão amarellecendo,—primeiros syntomas d'Outomno,—dão-nos lindos aspectos de côr, na sua pathetica e variada colorisação, que enebriam e enlevam... restolhando ao menor sopro d'aragem, dia além... E bailando ao relento, por horas mortas, são tragicos phantasmas combatidos, de braços esguios negreando á luz morbida do pallido Luar, repellido altiva e nobremente os arremettidos impulsos do vento—o grande corredor, avido de percorrer horizontes novos, novos mundos... E prescutando as coisas, assobiando hymnos harmoniosamente, lá segue, em medonha correria, senhor dos segredos alheios—unico senhor de tudo o que se passa em roda! Mas nada diz do que viu a quem o não sabe comprehender, porque a imprecisa linguagem do vento é cheinha de Mystério!

...E quando tudo nos apontava uma vida nova, de recolhimento e concentração! pelo Outomno sumido já nas brumas da longinquidade (pelo Outomno que ha bem pouco se morrara em espasmos d'agonia dolorosa) fora encontrá-os muito outros, abatidos e martyrisados, annos volvidos, no mesmissimo sitio do primeiro encontro... instantes em antes da partida de Fernando, moço esbelto e forte—o senhor pastor d'estes bosques!—para o front.

Sem nada se poderem dizer, tristissimos e verdadeiramente abatidos, após o derradeiro beijo—o beijo dolorosissimo da despedida dolorosa—balbuciava muito a custo Fernando—moço esbelto e forte: o senhor pastor d'estes bosques—em voz cava d'Além-mundo, voz plangente e noturna, tristemente:—

«Meu amor: Do teu muito amor o que me resta? Os teus beijos do mar tão sómente, que far-me-hão companhia sempre e vencedor no campo de batalha, e a dolorosissima, maguadissima Saudade de te haver em breve deixado sósnha, penalizada; os outros teus beijos, os dos teus labios, esses mesmos viverão im-

mortaes em os meus que sinto já descolorirem-se só em pensar que lhes ha de faltar o calor dos teus, que é que m'os aquecia!

E o ultimo beijo se morria, demoradamente, agonizando nos labios de Paula—a dos grandes olhos de Luar—fervorosamente; entretanto que nos de Fernando—o senhor pastor d'estes bosques—se morriam muitos e muitos repassados de fundos gemidos de dôr, dolorosissimos...

Os olhos de Paula, os seus grandes olhos de Luar, que agora eram bem a expressão da suprema dôr humana, como querendo sahir fóra das orbitas, eram um oceano onde ás vagas se succede bem ininterruptamente:—um mar de lagrimas ondeando por toda aquella physionomia bem triste—pallida da pallidez horrivel de cadaver do terrivel desespero...

E Fernando, como ella suffocada, ao deixal-a talvez de vez—oh! ironia do destino!—limpava de suas faces morenas, assazmente tisanadas do sol que desde creança apanhara lá nos pinheiros das montanhas, mourejando de sol a sol, quando já lá ao longe se encaminhava ao quartel afim de partir p'rá guerra, grossas lagrimas que lhe cahiam aos borbotões, parecendo querer suffocal-o desalmadamente...

E' sem duvida triste o epilogo da Vida!...

(Do livro—«Vozes da Saudade» a publicar.)

Colorico de Basto—Por essa ante-manhã d'Amor, de 1916.

ALBANO MOTTA GUEDES.

## Carteira Elegante

### ÁS TUAS MÃOS

Mãos de fada ou de princeza?!  
Mãos de uma santa do ceu?!  
Nem eu sei Delicadeza,  
Que mãos lindas Dêus te deu;

Quando as vejo com firmeza,  
Tudo em mim amancebu...  
—Minha Estrela d'Alva acesa  
Com luar que adormeceu.

Mãos pequeninas, queridas,  
Mãos que eu bejo—pobre estilo  
D'estas rimas tão sentidas—

Batei sempre ao lar tranqui-  
lo da minh'alma, mãos perdidas  
Que sois da Venus de Milo.

Simeão Victoria.

Com sua ex.<sup>ma</sup> esposa está no Gerez o nosso presado amigo snr. Antonio Leite de Castro.

Com sua ex.<sup>ma</sup> esposa tem estado entre nós o nosso amigo snr. Antonio Paes d'Almeida Campos.

Em Sezins encontra-se com sua ex.<sup>ma</sup> esposa o intelligente advogado snr. Dr. Simeão Pinto de Mesquita.

Regressa de Melgaço, por estes dias, o distincto clinico snr. Dr. Pedro Guimarães.

Da mesma estancia, regressa brevemente com sua ex.<sup>ma</sup> familia o illustre clinico snr. Dr. Joaquim José de Meira.

Após uma larga ausencia em S. Pedro do Sul regressaram na quarta-feira a esta cidade as nossas gentis patricias Mesdemoiselles Maria do Espirito Santo e Maria da Conceição Corrêa de Mattos.

Do Porto regressou a Santo Thyrsô a ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Olympia Coelho Trepa.

Esteve no Porto o nosso presado amigo e illustre diplomata snr. José Faria Machado.

Esteve na mesma cidade o nosso estimado amigo snr. Conde de Villa Pouca.

Com sua ex.<sup>ma</sup> familia tem estado entre nós, o nosso illustre patricio e antigo capitão d'artilheria snr. Arthur Jorge Guimarães.

Esteve no Porto o nosso presado amigo snr. Dr. Francisco Andrade.

Da Foz do Douro partiu para o Gerez o nosso amigo snr. Dr. Eleuterio Moreira da Fonseca.

De visita a seu pae, o nosso querido amigo e illustre commandante do 3.<sup>o</sup> batalhão d'infantaria 20 snr. major Alcino da Costa Machado, está entre nós a ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Alcina Machado.

Está em vias de restabelecimento a dedicada mãe do nosso amigo snr. Francisco de Faria.

Com sua ex.<sup>ma</sup> familia, esteve entre nós o nosso querido amigo e illustre tenente de cavallaria snr. Sá Guimarães.

Estão em Braga as gentis irmãs do nosso presado amigo snr. Padre Domingos da Silva Gonçalves.

Tem estado doente a gentil filha mais velha do acreditado negociante snr. Antonio d'Araujo Salgado.

## NOTICIARIO

### Capitão Vieira de Faria

Tivemos o grato prazer de receber noticias de França, d'este nosso querido amigo, que tanto se impoz á consideração de todos nós pela nobreza do seu caracter e excellencia do seu porte.

Diz-nos o capitão Vieira de Faria que está bom de saude mas que tem tido muito trabalho com os seus quatrocentos soldados. Pede-nos para dar-mos um abraço no nosso illustre Director snr. Antonio de Carvalho Cygne a quem, estamos certos, esta prova de amizade muito sensibilizará.

Que o bom Deus dos exercitos tome á sua protecção o valoroso official, são os nossos mais ardentes votos e, oxalá, o possamos abraçar em breve, quando, coberto de gloria, regressar á sua Patria.

### José Cardoso

Offereceu-se para ir para França tirar o *brevet* de piloto de aviador este nosso sympathico amigo, distincto aspirante a official d'infantaria n.<sup>o</sup> 20 e que nesta cidade, apesar da sua pouca permanencia ainda, tem grangeado grande numero de amigos, o que não é de estranhar, pois José Cardoso é um rapaz muito intelligente, bom *cavaqueador* e educado.

Não podemos deixar de lamentar a sua ausencia embora o felicitemos por ver em breve coroados os seus desejos.

### O Orfeon de Guimarães em Famalicão

Foi tudo quanto ha de mais distincto a recepção feita na linda villa de Famalicão, no passado domingo, ao Orfeon de Guimarães. Pena foi que a chuva não permitisse toda a expansão das distinctas damas famalicenses, pois, a avaliar pelo que se fez debaixo de uma enorme batega de agua, chegaria ao delirio semelhante manifestação se o tempo o permitte.

Por absoluta falta de espaço, e mesmo porque desejamos archivar nestas columnas a sua opinião, transcreveremos no proximo numero o que a tal respeito disser o nosso estimadissimo collega *Gazeta de Famalicão*.

### «Gazeta de Famalicão»

Este nosso presadissimo collega, que entre os jornaes da provincia é, sem duvida, um dos nossos mais denodados combatentes, dedicou a Guimarães o seu ultimo numero, com palavras de verdadeiro apreço e sympathia.

Agradecemos muito penhorados ao distincto collega as suas palavras e muito nos apraz dirigir-lhe as nossas saudações.

### Romaria Grande de S. Torquato

E' nos proximos dias 29 e 30 de junho e 1 de julho que se realiza a denominada Romaria Grande de S. Torquato, sem duvida a maior romaria do Minho, d'uma imponencia inexcelsivel, não só pelo numero deromeiros que a ella concorrem mas tambem pela piedade edificante dos fieis que alli vão em piedosa romagem, pela sumptuosidade dos actos do culto que alli se praticam e pelos brilhantes festivaes que alli se realisam.

O programma da tão imponente romaria é o seguinte:

29 de junho—Primeiro dia de romaria com arraial, musicas e illuminações.

30 de junho—Festa religiosa com vespersas e sermão, arraial diurno e festival nocturno com 4 bandas de musica, brilhantes illuminações e fogo do ar.

1 de julho—E' o dia da maior romaria do Minho. A solemnidade religiosa, com missa campal ás 8 horas e missa cantada, exposição do Santissimo e sermão ás 10 horas. A procissão com riquissimos carros alegoricos á vida do inclito martyr S. Torquato, cujas virtudes são celebradas em coros artisticamente organizados. A immensa multidão de forasteiros que alli concorrem.

O arraial assombroso; os brilhantes festivaes com illuminações a cargo do distincto decorador Emiliano Abreu; o fogo de artificio, de que estão incumbidos os mais afamados pyrotechnicos; a alegria communicativa d'este bom povo do Minho, fazem da romaria de S. Torquato uma das primeiras, senão a primeira, das que se realisam em Portugal.

A zelosa mesa da Irmandade, agradecemos o cartão annunciador das brilhantes festas em honra da milagrosa Imagem de S. Torquato.

### Exames de 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> graus

Os exames de instrucção primaria de 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> graus serão este anno realisados como no anno anterior, de harmonia com o Regulamento de 19 de setembro de 1902 e Portaria de 30 de maio de 1903.

O praso para a entrega de requerimentos e propostas termina em 30 do corrente, convindo, porém, que as propostas para o 1.<sup>o</sup> grau deem entrada o mais cedo possivel, afim de ser organizada a escala de serviço.

O requerimento para o 2.<sup>o</sup> grau é feito em papel não sellado, sendo-lhe junta certidão de idade, certificado do 1.<sup>o</sup> grau e nota do pagamento da propina ou atestado de pobreza, declarando que é pobre o requerente e seus paes. A certidão e atestado precisam ser reconhecidos por notario, se não vierem autenticados com o sello branco da Repartição que os passar.

### Passeio academico-recreativo

Commemorando o anniversario natalicio do nosso presado collega e illustre professor de ensino livre, snr. Vicente Braga, foram hontem os seus alumnos internos em passeio recreativo até Freiriz, partindo d'esta cidade ás 8 horas da manhã.

A viagem foi feita na mais franca alegria, por entre cantares da mocidade que mostrava o seu entusiasmo por tão sympathica festa.

Em casa do snr. José Leitão, conhado d'aquelle nosso collega e empregado superior da fabrica de Serração a Vapor, que existe naquella localidade, foi offerecido um lauto jantar de trinta talheres, trocando-se então affectuosos brindes.

O *menú*, abundante e variado, agradou a todos os convivas, mostrando-se todos muito satisfeitos pela maneira captivante como foram tratados.

Por ali passaram o dia, visitando a importante fabrica e gosando horas apraziveis de socego, d'aquelle socego d'aldeia, que tanto deleita o espirito.

Além dos alumnos, d'aquelle nosso collega e de sua querida esposa, foram tambem compartilhar do entusiasmo d'essas horas alegres, varias pessoas de familia dos alumnos, o nosso collega do «Jornal de Noticias», snr. José Miguel Pereira Guimarães, e o director d'este jornal. (\*)

E' nos sempre agradavel registar festas assim, que traduzem um affecto mutuo e uma mutua dedicacão entre alumnos e professor.

E quem como o homenageado sabe cumprir escrupulosamente o seu dever, numa vida afanosa de trabalho, quantas vezes com sacrificio da propria saude, entregue a uma profissão que tanta energia consome, bem merecia aquella prova de estima e de consideração da parte d'aquelles que se honram de o ter por mestre.

Com o desejo de que a faustosa data se repita por muitos annos, agradecemos a amabilidade do convite que pelos sympathicos academicos nos foi dirigido.

(\*) DA «OPINIÃO».

### S. Pedro em Felgueiras

Nos dias 28 e 29 d'este mez Felgueiras veste as suas melhores galas, promovendo festas brilhantissimas a S. Pedro.

Agradecemos os programmas que tiveram a gentileza de nos enviar.

## SUBSCRIÇÃO NACIONAL

Transporte. ... 756#775

Maria Marques, 20; Maria Vieira, Delfina da Conceição, Rosa Salgado, Maria Ferreira, Ludovina de Faria, Anna Gomes, Palmira d'Oliveira, Albina da Silva, a 30 réis cada uma; Palmira Gonçalves, Antonia Marques, Rosa Pereira, Maria R. da Silva, Custodia Gonçalves, Maria d'Araujo, Joaquina Novais, Maria Cerca, Brigida Gonçalves, Maria de Jesus, Adelaide Marques, Luiza Miranda, Joanna Rodrigues, Camila Vieira, Anna do Valle, Maria da Silva, a 40 réis cada uma.

Maria Lopes, 30; Francisca de Jesus, Ermelinda Maria, Adelina da Costa, Rosa Maria, Rosa Miranda, Maria da Silva Oliveira, Rosa d'Oliveira, Maria da Silva, Maria Martins, Elvira Ribeiro, Anna Gonçalves, Deolinda Exposta, Rosa Ribeiro, Albertina da Costa, Maria Peixoto, Maria Rodrigues, Rosa de Faria, Maria de Freitas, Anna Pimenta, Maria Pereira da Costa, Josefa Baptista, Maria Custodia, Leopoldina Peixoto, Rita Peixoto, a 40 réis cada.

Joaquina Ribeiro, 60; Joaquina de Freitas, 50; Julia Fernandes, 20; Rosa Fernandes, Rosalina de Freitas, Angelina Martins, a 30 réis cada uma; Virginia da Costa, Constança d'Oliveira, Thereza do Valle, Laura Felix, Joaquina Duarte, Custodia Marques, Aurora Fernandes, Joaquina Ventura, Maria da Silva, Maria Ribeiro, Rosa Ferreira, Maria Ferreira, Rosa Maria, Joaquina Ribeiro, Rosa Peixoto, Mathilde d'Oliveira, Joaquina de Sousa, Maria Machado, Laura da Silva, a 40 réis cada.

Emilia Vieira, 60; Francelina Rosa, Justina Salgado, Maria Pereira, Maria da Silva, Rosa Vieira, Anna Pereira da Silva, Albina de Castro, Maria Leite, Clementina Rosa, Joaquina Pereira, Maria Exposta, Olivia da Silva, Rita da Silva, Anna Vieira, Maria Salgado, Maria Exposta, Thereza de Macedo, Laurinda da Silva, Rosa

Ferreira, Antonia Maria, Joanna da Silva, Thereza da Silva Leite, Joaquina Nogueira, Maria Pereira, a 40 réis cada uma.

D. Julia Candida Baptista de Sousa, 10000; Rosa Ribeiro, Maria Pereira, Olinda Coelho, Maria da Silva, Quiteria da Silva, Maria da Silva, Maria Nogueira, Rosa Moreira, Rosa Lopes, Thereza Lopes, Florinda Alves, Maria Sampaio, Dorothea Alves, Maria Martins, Thereza Martins, Ermelinda da Silva Queiroz, Carolina da Silva Queiroz, Maria de Castro, Maria Ribeiro, Rosa Ferreira, Rosa da Silva, Josefa d'Oliveira, Rosa Pinto, Gracinda da Silva, a 40 réis cada uma.

Francisco do Lago, José d'Oliveira, Manuel Ribeiro, Antonio Mendes, José da Motta, João de Freitas, José da Costa, Manuel Luiz, Manuel de Freitas, João da Silva, José Fernandes, Francisco de Sousa, Albino de Castro, Joaquim Teixeira da Silva, a 100 réis cada um; Francisco Pereira Carvalho, Manuel Soares Lopes, Rosa Gonçalves, Custodia Rodrigues Motta, a 40 réis cada; Manuel Salgado, 200; Jeronymo Cardoso, 50; José da Cunha, 20; Maria Sancia Teixeira, 500; Maria Rosa, 200; Lucrecia Ferreira, 120; Constança Leite, 60 réis.

James Lickfold, 50000; Joaquin da Silva Oliveira, 20000; Florencio da Silva Oliveira, 10000; Guilherme Baptista de Sousa, William E. Lickfold, Antonio José da Silva, Silverio José Ferreira, a 500 réis cada um; Arnaldo de Freitas, 250; João Mendes, Manuel de Faria, a 100 réis cada; Carolina da Silva, 40; Guilherme R. Lickfold e sua Ex.<sup>ma</sup> familia, 50000 réis.

Padre Domingos José Antunes Machado (Parocho), 10000; Bento Alves Mendes, 10000; Maria Emilia d'A. Gomes, Mathias Faria da Silva, a 100 réis cada; João Baptista de Mattos, Maria Lopes & Filho, a 300 réis cada; Maria da C. Guimarães, 800; João da Purificação Castro, 200; Francisco de Oliveira Villas, Adelino Ferreira Maura, Francisco da Silva Martinho, Manoel Marques Rodrigues, Antonio Manuel Lourenço, João Ferreira Fernandes, Custodio da Costa Ferreira Pinto, José Ferreira Guimarães, Francisco Ferreira Guimarães, Joaquim Ferreira Monteiro, Antonio Joaquim Souza, Custodio d'Araujo Lemos, José Ribeiro de Castro, José de Faria, a 500 réis cada um.

Domingos José Antunes Machado, 500; Francisco da Silva Braga, 10000; Francisco José Ferreira Pinto, Manoel José da Costa e Silva, D. Maria Pinto de Castro e Silva, Manoel da Silva Mendes, José Antunes Machado, a 500 réis cada; Dr. Alberto Ribeiro de Faria, 400; D. Maria José Machado Mendes, Manoel Saraiva de Carvalho, a 200 réis cada; D. Elvira de Sousa Pereira, 300; Elvira da Costa Velino, Estefania Lopes de Araujo, Domingos da Silva, Maria de Souza Pereira, Rosa de Jesus Ferreira Pinto, Luiza Aurora Ferreira Pinto, a 100 réis cada; Dhalila Lamosa, Anna Machado, a 60 réis cada; Candida da Costa Marques, Joaquina Ferreira Cardoso, Maria Elisa, Maria Gomes, Joaquim da Costa, Mathias Faria da Silva, a 40 réis cada; Lourenço da Silva Braga, 300; Amancio Maria da Silva, 100; C. R. Capello, 400; Anonymo, 20 réis.

Rosa Barbosa e Filha, 40; Antonio d'Oliveira, Maria Pimenta Neves, Josefa Maria, Joaquim de Oliveira, José da Silva (carteiro), Antonio Sá Marques, José Antonio Fernandes, a 100 réis cada; Maria Josepha Antunes Neves, Manuel José Pereira, Manuel José Crespo, a 500 réis cada; José Ribeiro Pimenta, 60; Um anonymo, 20 réis.

D. Leonor Cardoso, 50000; Maria Novaes Ribeiro, Rosa Delfina de Macedo, Luciana Duarte Coelho, D. Philomena Gomes, D. Francisca Anacleto, D. Adelinda Candida Gomes, D. Fran-

cisca Portugal, D. Carlota Portugal, D. Maria Gomes Martins, Anonyma de Pencillo, a 100 réis cada uma; João Fernandes, José Pereira Pereira Pantaleão, Joaquina Pereira, a 20 réis cada; Padre Manoel Custodio de S. Gonçalves, José Luiz Pereira, D. Quiteria, Padre Damião José d'Araujo, a 500 réis cada; Maria Joaquina Antunes, Anonyma, a 200 réis cada uma; Rosa Maria da Silva, 80; Thereza d'Oliveira, 40; D. Maria d'Oliveira, 50 réis. Padre Patricio Affonso, 12000; D. Maria Leite de Faria, 27500; D. Josepha Leite de Faria, Joaquina Leite de Faria, Domingos Luiz d'Oliveira, Abilio Fernandes, Antonia Maria d'Oliveira, a 500 réis cada; Carolina Rosa, Manuel da Silva, Guilherme da Costa, José Maria Monteiro, Paulo Ribeiro, João Salgado, Rosa Monteiro Esteves, Thomaz Pereira Lopes, Rita Dias, Francisco d'Almeida, João Francisco, Francisco Salgado, a 100 réis cada; Luiz Pinheiro, Luiz de Faria e Domingos Teixeira, 100; Domingos Francisco e um individuo de Urgezes, 140; Rosa Maria e Domingos d'Araujo, 40; Manuel Affonso, 600; Manuel Antonio, 80; Varias esmolos pequenas, 520 réis.

Thomaz Alves Ferreira, Anonyma, Antonio d'Almeida, Manoel Pereira, Joaquim da Cunha, a 500 réis cada; Antonio Pereira, Luiz Salgado, a 50 réis cada um; Domingos Salgado, 110; Joanna d'Abreu, 12000; Antonio Salgado, Maria da Cunha, Manoel Salgado, Gonçalo Ribeiro, José Monteiro, Domingos Martins, José de Sousa, Francisco d'Almeida, Antonio d'Oliveira, Antonio d'Almeida, José d'Abreu, Francisco Salgado, Domingos Salgado, Gonçalo da Silva, Manoel Lopes, Antonio d'Araujo, Rosa Pereira, Joaquim d'Oliveira, José d'Almeida, Antonio Ferreira Martins da Silva, José de Lima, Miguel de Faria, José Francisco, Antonio Lopes, a 100 réis cada; Manoel Ribeiro, Antonio Fernandes, Joaquim Alves, João Pereira, Francisco d'Abreu, João de Sousa, Abilio Henriques, a 200 réis cada um; Joaquim Fernandes, Joaquim Ferreira, a 80 réis cada um; Joaquim Pedro, Avelino de Lima, Francisco Ribeiro, a 120 réis cada um; Maria Salgado, Armindo Fernandes, Antonio de Sousa, Manoel Fernandes, a 20 réis cada; Manoel de Lima, 60; Joaquim de Lima, 160; Guilherme Alves de Miranda, João de Araujo, a 40 réis cada um; Albino da Costa Guimarães, 300; José de Freitas d'Oliveira, 12000; Antonio de S. José Alves Ribeiro, 12000; Parocho José Martins da Silva, 12000 réis.

Somma ... 829845

(Continua).

Vende-se

Uma morada de casas, na rua do Gravador Molarinho, com os numeros 35 e 37.

Fallar com o Solicitador Pimenta.

COMPANHIA DE SEGUROS "O FUTURO,"

Séde — Rua do Mundo — LISBOA

TELEPHONES N.º 2771/3471 — TELEGRAMMAS FUTURO

Capital: UM MILHÃO DE ESCUDOS Esc. 1.000.000\$00

Seguros de vida, dotações para crianças, etc. Rendas de sobrevivencia — Seguros Monte-Pio garantindo pensões liberaes desde Esc. 60000, pagos vitaliciamente pela Companhia aos herdeiros, beneficiarios, seja qual for o seu ESTADO SOCIAL OU EDADE. Seguros de Vida em caso de Guerra durante os serviços em campanha.

Seguros de Accidentes no Trabalho

Seguros terrestres, seguros de mobilia contra incendio e roubo na mesma apolice pelo premio que antigamente custava só o seguro de fogo (\$20 cada 100\$00).

Seguros de rendas de propriedades e lucros cessantes, em caso de incendio. Seguro de crystaes, grèves e tumultos, roubo, etc. Seguros contra bombardeamentos. Seguros Maritimos e Fluviaes contra todos os riscos, incluindo GUERRA.

Acceitam-se correspondentes e productores na provincia e ançariadores em Lisboa

Correspondente em GUIMARÃES

Benjamin de Mattos

TOURAL, 105.

AUTOMOVEL DE ALUGUER

Domingos Alves Machado, photographo, à rua de S. Damaso, 10, aluga, por preços convidativos, um automovel de 4 logares, garantindo o bom serviço.

Associação dos Proprietarios e Lavradores de Guimarães

A melhor manteiga da cidade é a da Cooperativa de Lacticinios.

Livros baratos em perfeito estado de conservação

Novo Dicionario Francez Portuguez por José da Fonseca. Manual de Direito Ecclesiastico Parochial para uso dos Parochos, por Antonio Xavier de Sousa Monteiro.

Catecismo Para uso dos Parocos feito por auctoridade de decreto do Concilio Tridentino, publicado por mandado do SS. P. Pio V.

Todos estes livros se vendem por metade do seu preço ou ainda por menos na Typographia Minerva. Ha apenas um exemplar de cada um.

Procurador Pimenta

Mudou para a rua 31 de Janeiro n.º 24.

LANS BRANCAS

Em pequenas ou grandes porções, compra José Mendes da Cunha em GUIMARAES.

Vende-se

Uma morada de casas de 2 andares, situada com o n.º 7, no largo do Serralho, proximo á cadeia.

Um carro de 4 logares, que pode ser tirado por 1, 2 ou 3 garranos.

Falar com o solicitador Pimenta.

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação. PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesa R. Payo Galvão — Guimarães. Pelo correio 65 réis.

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida Seguros de Vida — Seguros Terrestres e Maritimos Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pa as, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL LARGO DE CAMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE — O consoçio Antonio Luiz da Silva Dantas.

Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se — com todo o zelo e mediante comissões modicas — de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fôrma da Terra?

POR Mariotte

O livrinho "Qual é a fôrma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova collecção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fôrma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos. — A imagem da Terra entre os gregos. — A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II

Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra. — As primeiras medidas das dimensões da Terra. — Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra. — Principio da medida d'um arco de meridiano. — O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III

O achatamento terrestre

O problema do achatamento por posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer. — Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas. — Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A fôrma da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação. — Efeito da força centrífuga. — As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo. — Formula de Clairaut. — Anomalias da gravidade. — O geode.

V

Theoria tetraedrica da fôrma Terra

Principio do systema tetraedrico. — Consequencias geographicas da forma tetraedrica. — Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental. — A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade. — A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores — ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha Anno ... 14\$00 rs. Semestre ... 650 " Trimestre ... 350 " Estados U. do Brazil (anno) ... 2\$000 " Paizes da União Postal ... 2\$500 " Numero avulso ... 30 "

Annuncios e comunicados, linha 60 rs. Repetições, por linha ... 20 " Permanentes, contracto convencional. Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um ... 100 " Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis. Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 g/º de abatimento.

Echos de Guimarães

IV Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 165

Ex.º Snr.